

UM SENTIMENTO DA INFÂNCIA EM SPINOZA

DANIEL NOGUEIRA *

Todos sabem que a primeira idade é a mais alegre e a mais agradável de se viver!

Se nós amamos as crianças, se as beijamos e acariciamos, se mesmo um inimigo lhes presta socorro, não é porque há nelas a sedução da loucura?

[...] De onde vem o charme das crianças se não de mim, que lhes poupa da razão, e com isso, do aborrecimento?

[...] Delirar, desatinar, não é todo o charme da infância?

Não é um monstro detestável a criança que raciocina como um homem feito?
(ERASMO, 1964, p. 23-24)

Spinoza não se debruçou particularmente sobre o tema da infância. Ele chega mesmo a confessar que não sabe de que maneira julgar as crianças, assim como “aquele que se enforca, [...] os idiotas, os loucos, etc.” (E2P49S). Em toda a *Ética*, existem exatamente doze passagens que mencionam a criança¹; excluindo-se aquelas que se resumem a pequenos comentários ou exemplos, restam apenas três ou quatro que detêm-se um pouco mais em considerações sobre a criança². De todo, Spinoza parece deixar o leitor sempre com uma impressão fortemente negativa da criança: impotente, ignorante, escrava de suas paixões, ela parece condenada à miséria e a infelicidade. “Não podemos nem sequer pensar que as criancinhas sejam felizes”, diz Deleuze (2002, p. 26). Se Spinoza reconhece não saber o que pensar das crianças, não seria possível, então, reler o que

ele fala a respeito da criança, sem tomar tudo como afirmações definitivas e finais, para encontrar uma visão positiva da infância em Spinoza? Isso não significa colocar Spinoza contra Spinoza, mas lê-lo de uma maneira mais interessante e original, permanecendo fiel não tanto à letra de seu texto quanto ao espírito de sua filosofia. É uma tentativa de operar de outro modo a máquina do spinozismo, dispondo sempre os mesmos elementos em uma configuração diferente, estabelecendo novas relações entre eles, e, com isso, novas possibilidades, novas potências.

Em uma das poucas passagens em que menciona a criança, Spinoza comenta:

Quanto mais esse conhecimento, quer dizer, de que as coisas são necessárias, diz respeito a coisas singulares que imaginamos mais distinta e vividamente, tanto maior é o poder da mente sobre os afetos, como mostra aliás, a própria experiência. Com efeito, vemos que a tristeza advinda da perda de um bem diminui assim que o homem que o perdeu dá-se conta de que não havia nenhum meio de poder conservá-lo. Vemos, igualmente, que ninguém sente pena de uma criança por ela não saber falar, andar, raciocinar e por viver, enfim, tantos anos como que inconsciente de si mesma. Se, por outro lado, os homens, em sua maioria, nascessem já adultos e apenas alguns nascessem crianças, então todos sentiriam pena das crianças pois, nesse caso, a infância seria considerada não como algo natural e necessário, mas como um defeito ou uma falta da natureza. Poderíamos, ainda, fazer muitas outras observações desse tipo. (E5P6S).

Essa conclusão, à primeira vista, não parece muito animadora: nascer criança, nascer nessa estado de impotência, só escapa de ser

* Graduado em FILOSOFIA pela PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - PUC-RJ.

¹ A saber: E2P44S, E2P49S, E3P2S, E3P32S, E3P55S, E3P56S, E3DefAfec27Exp, E4P39S, E4ApCap13, E4ApCap20, E5P6S, E5P39S.

² A saber: E3P32S, E4P39S, E5P6S, E5P39S.

taxado de defeito porque, afinal de contas, todos nascemos crianças; “se, por outro lado, os homens, em sua maioria, nascessem já adultos”, aqueles poucos que nascessem crianças teriam uma espécie de defeito congênito, que os tornaria impotentes durante os primeiros anos de sua vida e seria depois superado. A infância parece ser assim algo suportável só porque absolutamente inevitável, como um mal necessário; no máximo seria possível invocar aqui um *amor fati*.

Esse raciocínio, no entanto, é falho por um motivo: ele hipostasia a infância, considerando-a como algo realmente distinto da fase adulta, em vez de ela ser simplesmente uma etapa do desenvolvimento humano. Spinoza parece basear-se implicitamente aqui sobre um modelo como o das “idades da vida” (cf. ARIÈS, 2006, cap. 1.1), concepção popular em voga desde a Idade Média, onde cada idade tem um temperamento próprio, um signo constitutivo. Criança diz-se em latim *infans*, aquele que não fala, carregando já no nome sua marca característica, a impotência.

Mas “Deus não produz crianças, [e sim] homens” (ZOURABICHVILI, 2002, p. 127): se nos recusamos a considerar a infância como uma idade isolável do restante do curso da vida, vemos que “no fundo, a infância não é a própria impotência – a impotência é *nativa*” (ZOURABICHVILI, 2002, p. 121-122, grifo nosso); “*strictu sensu* é apenas um mínimo de potência, uma potência demasiado insuficiente comparada àquela das causas exteriores” (ZOURABICHVILI, 2002, p. 131). Afinal de contas, o que Spinoza vê de ruim na infância não provém da própria infância, mas do fato de que “os homens nascem ignorantes das causas das coisas” (E1Ap), de que nascem no mais baixo grau de sua potência e devem aprender a afirmá-la partir daí. “A infância não é a própria impotência [...] mas a eclosão progressiva, dolorosa, dramática da potência de agir.” (ZOURABICHVILI, 2002, p. 121-122).

Ainda assim, isso não basta para mudar a visão de que a infância seria, para Spinoza, uma fase de tristeza e miséria, da qual os homens só não sentem pena por ser “natural e necessária”. Do ponto de vista da criança, restaria ainda pouco a fazer senão aceitar seu destino com equanimidade enquanto aguarda dias melhores.

Mas dizer que a criança é triste gera uma primeira objeção, por sinal até bastante óbvia: Spinoza define a tristeza como “a passagem do homem de uma perfeição maior para uma perfeição menor” (E3DefAf3); ora, mas é certo que a criança passa a uma perfeição maior a cada dia, seu corpo tornando-se sempre mais capaz e sua mente adquirindo cada vez mais consciência de si, de Deus e das coisas³; não era de se esperar, portanto, que ela fosse, pelo contrário, alegre?

É claro que isso não altera em nada o fato de que sua potência é muito pequena comparada à potência das causas exteriores, e que, com isso, ela fica muito sujeita aos revezes da fortuna, muito suscetível de ser afetada por paixões tanto tristes quanto alegres. Mas se acompanhamos uma criança desde o dia em que nasceu até os 7 anos (a idade tradicionalmente estabelecida para o fim da *infantia*), é incrível constatar o quanto ela cresce em potência, o quanto aumenta seu poder de afetar e ser afetado: de um pequeno corpo quase só capaz de mamar e chorar, ela torna-se alguém que fala, anda, ri, conversa, brinca, pensa. Não deveria ela sentir uma alegria imensa ao perceber essa mudança em si própria? E em certo sentido, o ritmo em que ela aumenta sua potência é até mesmo inalcançável para um adulto: não temos a sensação de que, a cada ano da vida que se passa, mudamos menos?

“As crianças são espinosistas”, dizem Deleuze e Guattari (1995-1997, v. 4, p. 35). Perplexas diante do mundo, ignorantes de tudo, as crianças experimentam com o próprio corpo assumindo plenamente que não sabem “o que pode um corpo” (E3P2S). Com efeito, quantas vezes não ocorre de uma criança descobrir uma nova capacidade de seu corpo e sair por aí exclamando, alegre, “olha o que eu sei fazer!”, e então dar uma cambalhota, colocar o pé atrás da cabeça ou coisa parecida? A maioria dos adultos, por sua vez, acredita, pela força do hábito, já conhecer todos os limites de seu corpo, já estar até mesmo cansado de conhecer esses limites (“aquilo que nunca foi feito é porque não *pode* ser feito”, pensam eles); com isso, inibem-se de explorar a própria potência e instalam-se

³ Conforme os termos que o próprio Spinoza utiliza para descrever a criança em E5P39S.

dentro de fronteiras fixas de capacidade. “Eis por que Espinosa lança verdadeiros gritos: não sabeis do que sois capazes, no bom como no mau, não sabeis antecipadamente o que pode um corpo ou uma alma, num encontro, num agenciamento, numa combinação.” (DELEUZE, 2002, p. 130).

Como poderíamos conceber, no spinozismo, essa alegria que dizemos que a criança experimenta em sua constante descoberta de si mesma e do mundo? Uma observação que Spinoza faz a respeito do corpo da criança nos servirá como ponto de partida:

Se quisermos, enfim, observar a própria experiência, descobriremos que ela nos ensina todas essas coisas, sobretudo se nos fixarmos nos primeiros anos de nossa vida. Pois a experiência nos mostra que as crianças [pueros], por seu corpo estar como que em equilíbrio, riem ou choram só de verem os outros fazerem e, enfim, desejam para si tudo o que imaginam deleitar os outros. Pois as imagens das coisas são, como dissemos, as próprias afecções do corpo humano, ou seja, as maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelas causas exteriores e está inclinado a fazer isto ou aquilo. (E3P32S)⁴.

Em que sentido o corpo da criança está “como em equilíbrio”? Ora, segundo Spinoza, é esse “como em equilíbrio” que torna as crianças mais propensas ao mimetismo afetivo, isto é, a querer imitar as ações e os desejos dos outros à sua volta; donde também o frequente desejo de competição das crianças, de querer ter tudo o que os outros também têm, de querer poder fazer tudo o que os outros podem. Diz-se popularmente que aquele que só imita os outros não tem “personalidade própria”; a questão para Spinoza passa mais ou menos por aí.

Cada indivíduo, à medida que experimenta paixões tristes e alegres, diante deste ou daquele objeto, à medida que encontra outros indivíduos que convêm ou não com ele, em suma, à medida que vive, ele modela seu corpo e sua mente de uma maneira pessoal, peculiar: cada vez mais

certos afetos tornam-se dominantes em vez de outros, certos objetos ou certas ações são preferidos em vez de outros, certas imagens se associam a tais coisas em vez de outras, certas ideias ocupam mais a mente do que outras. Esse temperamento ou disposição individual, Spinoza o chama de *ingenium*⁵. Todos os homens são constituídos pelos mesmos elementos, mas estes se configuram sempre de maneiras diferentes, de modo a formar a tonalidade afetiva própria de cada um. Como isso é determinado pelas experiências pelas quais um indivíduo passa, as crianças têm ainda um *ingenium* pouco diferenciado, pouco complexo; ou seja, ela experimenta toda a variedade de afetos de maneira mais ou menos homogênea, cada afeto pesa sobre ela de maneira mais ou menos uniforme. Nisso pode-se dizê-la “como em equilíbrio”.

Essa interpretação nos permite agora conceber um certo sentimento próprio da infância na filosofia de Spinoza – ou, em termos mais próprios, um regime de afetividade particular da criança. Para tanto, vejamos a definição de contentamento conforme Spinoza expõe no escólio a seguir:

Vemos, assim, que a mente pode padecer grandes mudanças, passando ora a uma perfeição maior, ora a uma menor, paixões essas que nos explicam os afetos da alegria e da tristeza. Assim, por alegria compreenderei, daqui por diante, uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior. Por tristeza, em troca, compreenderei uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Além disso, chamo o afeto da alegria, quando está referido simultaneamente à mente e ao corpo, de excitação ou contentamento; o da tristeza, em troca, chamo de dor ou melancolia. Deve-se observar, entretanto, que a excitação e a dor estão referidos ao homem quando uma de suas partes é mais afetada do que as restantes; o contentamento e a melancolia, por outro lado, quando todas as suas partes são igualmente afetadas. [...] (E3P11S).

⁴ Tomaz Tadeu traduz “aequilibrium” por “estado de oscilação contínua”; preferimos aqui simplesmente “equilíbrio”, evitando uma evidente interpretação pessoal do tradutor.

⁵ Valemo-nos aqui do comentário de P.-F. Moreau acerca deste conceito (1975, p. 395-404).

As partes do corpo e da mente da criança⁶ estando “como em equilíbrio”, os afetos tendem a tomá-la por inteiro, seja uma alegria (contentamento) ou uma tristeza (melancolia). Imaginemos uma criança bem pequena, ainda um bebê, que recebe um novo brinquedo e se alegra diante dele: ela sente ali uma alegria plena, pois fica fascinada por aquele objeto – naquele momento, aquele brinquedo e aquela alegria são tudo o que importa para ela –; mas se, no momento seguinte, o brinquedo cai de sua mão e fica fora de seu alcance, a tristeza a toma imediatamente e ela chora desolada a perda daquele objeto, perda cujas causas ela não consegue entender muito bem; e se no momento

seguinte ainda, chega-lhe a mãe e a distrai com qualquer outra coisa – que não precisa nem mesmo ser o brinquedo inicial –, ela esquece sua tristeza e se entrega por inteiro ao novo momento, ao novo sentimento – ao novo, enfim.

Não é essa a beleza que admiramos nas crianças: a capacidade, perdida com o crescimento, de abrir-se constantemente ao novo? Como a criança das três metamorfoses do espírito, no Zaratustra, que é inocência e esquecimento, que diz um sagrado “sim” ao jogo da criação (NIETZSCHE, 2006, p. 51-53)... A criança experimenta, assim, um regime de sucessão descontínua de percepções: a cada novo momento, tudo está em jogo, tudo pode mudar – tanto para melhor quanto para pior.

Sua impotência nativa e suas ‘pouquíssimas aptidões’ para afetar e ser afetado colocam a criança, ao mesmo tempo, em um estado de ‘equilíbrio’ extremamente instável, dependendo ao máximo das flutuações das causas exteriores [E5P39S], mas também, inversamente, coloca a criança em uma situação de equilíbrio que é facilmente realizada desde que seus desejos de alimentação, de bem-estar físico, de amor enfim, sejam realizados. A criança experimenta assim um contentamento que se manterá enquanto seu ser estiver preenchido pelas circunstâncias... e enquanto for tão pouco exigente. (BOVE, 1996, p. 109-110).

Os adultos, por sua vez, têm suas partes mais diferenciadas, cada uma requisitando uma satisfação diferente, tornando raro que algo consiga afetar do mesmo modo, simultaneamente, todas as partes do corpo. Por isso, Spinoza diz:

É mais fácil conceber o contentamento, que eu disse ser bom, do que observá-lo. Com efeito, os afetos pelos quais somos cotidianamente afligidos estão referidos, em geral, a uma parte do corpo que é mais afetada que as outras [...] (E4P44S).

Não conseguindo alcançar um contentamento, alguns tentam satisfazer-se com uma alegria tão grande referida a uma única parte (i.e., uma excitação) que permitiria minimizar ou anular qualquer tristeza das outras partes – Spinoza

⁶ Zourabichvili (2002, p. 156) concorda com a análise de Bove (da qual também nos valem aqui; cf. 1996, p. 107-112) sobre um contentamento da criança, mas faz certas objeções, entre elas a de que não se poderia inferir isso a partir do texto de Spinoza sobre o equilíbrio do corpo infantil, visto que não é utilizada ali a palavra *infans* (que, como já vimos, designa a criança na fase que vai do nascimento até os 7 anos de idade) e sim a palavra *puer* (que designa a idade dos 7 aos 14 anos). De fato, a palavra utilizada é *puer*, e pareceria que o texto não suporta tal interpretação se não fossem algumas fortes evidências em contrário, que nos permitem sim identificar o *puer* à criança pequena. Notemos, de início, que Spinoza nos convida a fixar a atenção sobre os “primeiros anos de nossa vida”; além disso, o comentário sobre a imitação dos afetos (“as crianças [...] riem e choram só de verem os outros fazerem”) parece também se aplicar muito mais à criança pequena do que àquela já com alguma idade, como seria o *puer*. Por fim, assim como o próprio Zourabichvili reconhece que a palavra *infans* não chegou a ter um significado unívoco no latim (designando ora os dois primeiros anos de idade, ora os sete, cf. 2002, p. 29), também a palavra *puer* não tem uso tão rigidamente definido. Por exemplo, há uma conhecida passagem do Velho Testamento (*Isaías 9:6*) que em português diz “um menino nos nasceu, um filho nos foi dado”; em algumas velhas traduções latinas da Bíblia (antes da *Vulgata*) lê-se “*puer natus est nobis et filius datus est nobis*”; também a Bíblia latina que Spinoza possuía (item 5 do inventário do quarto, tradução feita por Immanuel Tremellius e Franciscus Junius no século XVI, disponível em <http://books.google.com/books?id=MGYOAAAAQAAJ>) registra: “*puer natus fuerit nobis, filius datus nobis*” (p. 457). Ora, *puer* aqui diz respeito a uma criança que acabou de nascer, e obviamente não a alguém de 7 a 14 anos. Portanto, o fato de Spinoza ter utilizado a palavra *puer* não compromete, de modo algum, a nossa interpretação (junto com Bove) quanto ao contentamento infantil a partir daquela observação sobre o equilíbrio do corpo da criança.

nomeia alguns desses personagens: o ambicioso, o guloso, o avarento, enfim, todos aqueles que possuem um “desejo imoderado e amor” por um único objeto. Mas “a excitação pode ser excessiva e ser má” (E4P43), pois, tomando a mente por inteiro, impede que ela seja capaz de outros afetos: “a força de uma paixão ou de um afeto pode superar as outras ações no homem, ou sua potência, de tal maneira que este afeto permanece, obstinadamente, nele fixado.” (E4P6) Assim, o avarento, por exemplo, só pensa em dinheiro e por isso “dificilmente pode imaginar alguma outra espécie de alegria que não seja a que vem acompanhada da ideia de dinheiro como causa.” (E4ApCap28, trad. mod.). Esse caminho vai contra toda a complexidade do corpo e da mente humana, causando, no final das contas, uma diminuição da potência do homem, isto é, uma tristeza. Em vez disso, Spinoza prescreve outra solução:

Pois o corpo humano é composto de muitas partes, de natureza diferente, que precisam, continuamente, de novo e variado reforço, para que o corpo inteiro seja, uniformemente, capaz de tudo o que possa se seguir de sua natureza e, como consequência, para que a mente também seja, uniformemente, capaz de compreender, simultaneamente, muitas coisas. (E4P45S2).

Podemos resumir agora do seguinte modo os regimes de afetividade da criança e do adulto: tanto um quanto o outro buscam afetar o corpo inteiro, uniformemente, de alegria; mas devido a certas diferenças constitutivas, eles o fazem por meios ligeiramente diferentes. A criança, por ter todas as partes do corpo já “como em equilíbrio”, é facilmente atingida por uma alegria que afete a todas simultaneamente; por ter “um corpo capaz de pouquíssimas coisas”, é fácil realizar muitos de seus desejos simultaneamente; mas, por isso mesmo, ela fica em um estado de equilíbrio extremamente instável, que pode ser perturbado por qualquer afeto que aflija uma parte do corpo mais que as outras. O adulto, por sua vez, tem as partes de seu corpo mais diferenciadas entre si, cada uma exigindo um afeto diferente, cada uma o puxando para um lado diferente, numa imensa polifonia de

desejos; seria, para ele, difícil encontrar algo que satisfizesse todo o seu corpo simultaneamente; por isso, ele tenta – ou deveria tentar – atender, com afetos variados, todas as partes do corpo, uma após a outra, em intensidades diferentes, conforme cada uma o requisita mais ou menos.

A criança que descobre o próprio corpo e exclama “olha o que eu sei fazer!”, exprime aí a constatação de um aumento de potência que se refere a seu corpo como um todo; isto é, ao descobrir o mundo, ao tomar “consciência de si mesma, de Deus e das coisas” (E5P39S), a criança experimenta um contentamento que, quando adulta, raramente conseguirá ter as condições de experimentar outra vez.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BOVE, Laurent. ***La stratégie du conatus: affirmation et résistance chez Spinoza***. Paris: Vrin, 1996.

DELEUZE, Gilles. ***Espinosa: filosofia prática***. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. ***Mil platôs***. 5 volumes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-1997.

ERASMO. *Éloge de la folie*. Paris: Garnier-Flammarion, 1964.

MOREAU, Pierre-François 1975. ***Spinoza: expérience et éternité***. Paris: Le Seuil.

NIETZSCHE, Friedrich. ***Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SPINOZA, Baruch. ***Ética***. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ZOURABICHVILI, François. ***Le conservatisme paradoxal de Spinoza: enfance et royauté***. Paris: PUF, 2002.

